Autor(es): Filho, Ernani

Citação: Filho, Ernani. 2020

Tema:Minsky: moeda, restrição de sobrevivência e hierarquia do sistema monetário globalizado

Referência bibliográfica: Filho, Ernani. **Minsky: moeda, restrição de sobrevivência e hierarquia do sistema monetário globalizado**. 2020

Fichamento

|  |  |  |
| --- | --- | --- |
| Pagina | Texto | Comentário |
| 2 | Minsky buscou, dentro do pensamento pós-keynesiano, atribuir centralidade aos aspectos financeiros para o entendimento do comportamento dos agentes econômicos e das flutuações no nível de atividade. Isso o levou a apontar para a necessidade de se observar com atenção o papel desempenhado pelos fluxos de caixa. Desse ponto de vista, os agentes econômicos – sejam eles famílias, empresas ou bancos – deveriam ser vistos basicamente como unidades autônomas que precisam continuamente administrar sua restrição de sobrevivência (caixa) sob a pena de serem levados à extinção (falência) ou à penúria |  |
| 3 | No pensamento clássico (no sentido keynesiano do termo), a origem da moeda está associada à divisão do trabalho em uma economia marcada pelas trocas diretas (escambo). Nesse contexto, o dinheiro é tão somente uma mercadoria específica, que se destaca das demais pelas facilidades que oferece à operação das trocas. Apresenta vantagens pelas características intrínsecas que possui, tais como durabilidade e transferibilidade. Estas qualidades a tornam naturalmente mais atrativa para desempenhar o papel de meio de pagamento, ou seja, lhe atribuem uma condição diferenciada de liquidez. Isto, por exemplo, explicaria o uso de metais como moeda ao longo da história.  (...)A partir desse ponto de partida, segue-se, para os autores filiados ao pensamento clássico, que a principal função da moeda é a de servir como meio de troca. É isso que lhe dá especificidade. Ser unidade de conta e reserva de valor seriam atributos de menor relevância. |  |
| 4 | Keynes se opôs frontalmente ao tratamento dado à moeda pela teoria clássica. Para ele, a principal limitação dessa visão estava exatamente em não atribuir ao dinheiro um papel ativo tanto no curto quanto no longo prazo. Ele concordou com historiadores e antropólogos de que não há evidências históricas de sociedades primitivas que tenham se organizado com base no escambo (Graeber, 2011; Martin, 2014). Em lugar da mitologia smithiana, adotou a perspectiva cartalista, que vê a moeda como uma criatura do Estado e não do mercado  O termo cartalismo foi cunhado por Knapp em 1924, mas a origem dessa visão é mais antiga e pode ser encontrada até mesmo em uma passagem do próprio Adam Smith3 . De acordo com Knapp, o dinheiro utilizado em um determinado país foi, ao longo da história, fruto da decisão dos Estados de imporem aos agentes econômicos um tipo específico de ativo como meio de pagamento das obrigações fiscais  É essa especificidade que garante à moeda uma vantagem de liquidez sobre eventuais substitutivos. Esse poder do Estado não deve ser confundido com o curso forçado da moeda estabelecido em lei (legal tender). Esse mecanismo reforça, mas não determina, o uso da moeda cartalista. Desse ponto de vista, a função básica da moeda é ser a unidade de conta  O dinheiro não está, assim, limitado a nenhuma das formas concretas que foram adotadas ao longo da história: mercadoria (moeda metálica), papel (moeda fiduciária) e depósitos à vista (moeda bancária). Todos podem ser utilizados, desde que sejam aceitos pelo Estado como meios de pagamento de tributos |  |
| 5 | Apesar de os instrumentos de dívida serem, em sua maioria, de natureza privada, esses contratos criam de forma generalizada volumosas obrigações de pagamento, por longos períodos de tempo, denominadas na moeda do Estado. É por esse motivo que Keynes fala não só do poder do Estado de fazer cumprir o “dicionário” (leis de curso forçado), mas também de reescrevê-lo, ou seja, de redefinir compulsoriamente aquilo que é aceito como moeda e, consequentemente, mudar unilateralmente a unidade de conta dos contratos, mesmo os já firmados.  Entretanto, a ruptura de Keynes com a economia clássica não se limitou às questões da origem e da hierarquia das funções da moeda. Seu propósito era mais amplo. Pretendia oferecer um paradigma totalmente novo para o pensamento econômico, que denominou de “economia monetária da produção” em oposição ao da visão clássica, que chamou de “economia de trocas reais”. Nessa nova maneira de pensar, a moeda teria um papel central nas decisões de curto prazo – produção e emprego – mas também de longo prazo – ou seja, aquelas relacionadas às formas e ao ritmo de acumulação de capital. Em um texto de 1933, apontou que: |  |
| 6 | A obrigação de pagamento, portanto, é um elemento central em uma economia capitalista, pois é o mecanismo que sustenta o valor das dívidas (capital) e, consequentemente, o funcionamento de um sistema intrinsecamente baseado em relações financeiras. |  |